

23/09/2016 - 05:00

## Fed impulsiona mercado de bônus externo

Por **Alessandra Bellotto e Daniela Meibak**

A leitura de que o Federal Reserve (Fed) tende a manter os juros reduzidos por mais tempo e que o ajuste, quando vier, será gradual e menor do que o previsto reaqueceu o mercado de bônus no exterior. A percepção, contudo, é de que a demanda está concentrada em nomes já conhecidos.

Entre emissores brasileiros, BRF, que havia segurado a operação para esperar a reunião do BC americano, foi a mercado e levantou US\$ 500 milhões em emissão que atraiu demanda superior a US\$ 2,5 bilhões. "Apesar de ser um dia com muitos anúncios de emissões, a demanda cresceu muito rápido e só foram necessárias três horas para alcançar as ordens", diz uma fonte que acompanhou a transação.

Já as estreantes JSL, do setor de logística, e Ouro Verde, locadora de veículos que pretende captar US\$ 300 milhões, optaram por continuar segurando as operações, apesar da forte liquidez.

Na visão de Carlos Mendes, chefe de renda fixa internacional da XP Securities, a captação da BRF foi bem-sucedida e sinaliza que a demanda por ativos de renda fixa segue elevada, impulsionada pelos eventos de política monetária dos bancos centrais dos EUA e Japão. Emissores da América Latina, em especial brasileiros, são destaque, segundo Mendes, por pagarem um prêmio maior em relação aos papéis de risco semelhante.

A forte procura por BRF levou a uma redução na taxa de retorno oferecida. Os títulos da companhia de alimentos, com vencimento em 2026, foram emitidos com rendimento de 4,625%, abaixo do intervalo inicialmente previsto, de 4,875% a 5% ao ano.

Mendes ressalta, porém, que, apesar do ambiente mais favorável para emissões, nomes novos, como JSL e Ouro Verde, podem ter dificuldade para captar. "Não é um momento fácil para 'high yield' [títulos considerados de maior risco e, portanto, com prêmio maior]", diz o executivo. As empresas podem ser boas, acrescenta, mas o fato de serem menores e desconhecidas do investidor estrangeiro pede um entendimento melhor do negócio e prêmios mais altos.

Carlos Gribel, chefe de renda fixa da Andbanc Brokerage, em Miami, compartilha da avaliação. "O mercado está positivo para novas emissões e acho que vem bastante coisa, pois tem muita demanda. Mas para nomes pouco conhecidos, está mais difícil", afirma.

Tanto Gribel quanto Mendes destacam que a emissão recente feita pela também estreante Eldorado (envolvida nas operações Lava-Jato e Greenfield) acabou influenciando de forma negativa a percepção do investidor. "Eldorado atrapalhou, apesar de essas empresas [Ouro Verde e JSL] não estarem envolvidas na Lava-Jato", diz o executivo da XP. Os bônus da produtora de celulose amargam queda desde a oferta, ressalta Gribel - estrearam no secundário próximos de 99% do valor de face e hoje são negociados a 84%.

Entre as demais companhias brasileiras que podem ir a mercado a qualquer momento e são considerados nomes fortes, segundo os executivos, estão Votorantim Cimentos, que já tem bônus externo, e a também estreante Ultrapar. A primeira iniciou ontem roadshow para levantar cerca de US\$ 500 milhões. O tamanho e o prazo da captação ainda não estão definidos, mas dados preliminares da oferta sugerem um volume de cerca de US\$ 500 milhões, com taxa de retorno entre 5% e 5,75% ao ano.

Já a Ultrapar anunciou ontem o cronograma das reuniões com investidores para emissão de bônus da empresa, sem mais detalhes. Na segunda-feira, a companhia fará reuniões em Londres e em Boston, na terça-feira em Los Angeles e em Nova York e o processo será concluído na quarta. "Ultrapar é um risco excelente e tem espaço muito grande para emitir", afirma Mendes, da XP.

O mercado espera ainda emissões da Petrobras e Cemig. A estatal de petróleo, que já emitiu US\$ 9,75 bilhões este ano, está sempre pronta para voltar ao mercado, com o objetivo de se refinar, segundo um interlocutor.

No mercado secundário ontem, papéis de emissões feitas neste ano pela Petrobras subiam mais de 1%. Os papéis para 2021 chegaram a marcar 110,5% do valor de face, o equivalente a um rendimento de 5,768% - bem abaixo do yield da oferta, em maio, de 8,62%. Já a emissão para 2026 era negociada a 111,825% do valor de face, com rendimento de 7,039%. Na oferta, em junho, o yield era de 9% ao ano.